

## Um romance, duas traduções: no rastro de *Oliver Twist*\*

*Franciano Camelo*

[francianoc@hotmail.com](mailto:francianoc@hotmail.com)

*Universidade Federal de Santa Maria*

### **Resumo:**

Em 1870, a convite dos proprietários do Jornal da Tarde, Machado de Assis traduziu para o português boa parte do romance *Oliver Twist* de Charles Dickens. Cumpre notar que a tradução do romance dickensiano para o contexto brasileiro oitocentista não se deu por via direta, do inglês ao português, mas via tradução francesa. De fato, a trajetória do romance de Dickens implica uma teia de edições e traduções na qual a França ocupou lugar de mediadora. Este trabalho apresenta o percurso do romance dickensiano da Inglaterra ao Brasil, considerando particularidades (con)textuais do romance inglês e das traduções francesa e machadiana.

**Palavras-chave:** *Oliver Twist*; Tradução; Inglaterra-França-Brasil; Machado de Assis

### **Resumen:**

En 1870, atendiendo a la invitación de los propietarios del Jornal da Tarde, Machado de Assis tradujo parte de la novela de Charles Dickens *Oliver Twist*. Es importante señalar que la traducción de la novela de Dickens en el contexto brasileño del siglo XIX no se hizo directamente del inglés hacia el portugués, sino vía una traducción francesa. De hecho, el recorrido de la novela de Dickens implica una red de publicaciones, ediciones y traducciones en la que Francia jugó el papel de intermediaria. Este artículo presenta el recorrido de la novela de Dickens desde Inglaterra hasta Brasil, considerando particularidades (con)textuales de la novela inglesa y de las traducciones francesa y machadiana.

**Palabras clave:** *Oliver Twist*; traducción; Inglaterra-Francia-Brasil; Machado de Assis.

### **Abstract:**

In 1870, invited by the owners of Jornal da Tarde, Machado de Assis translated part of the novel *Oliver Twist* by Charles Dickens. It is worth noting that the translation of the Dickensian novel in the nineteenth-century Brazilian context was not carried out directly from English into Portuguese, but via a French translation. In fact, the route of *Oliver Twist* involves a web of editions and translations in which France played the role of mediator. This paper presents the route of the Dickensian novel from England to Brazil, considering (con)textual particularities of the English novel, as well as French and Machadian translations.

**Key-words:** *Oliver Twist*; Translation; England-France-Brazil; Machado de Assis.

### **Résumé**

En 1870, en réponse à l'invitation des propriétaires du Jornal da Tarde, Machado de Assis traduit une partie du roman de Charles Dickens *Oliver Twist*. Il est important de noter que la traduction du roman de Dickens dans le contexte brésilien du XIXe siècle de l'anglais vers le portugais a été faite par l'intermédiaire d'une traduction française. En fait, le chemin du roman de Dickens implique un réseau de publications, éditions et traductions dans lequel la France a joué le rôle d'intermédiaire. Ce document présente le parcours du roman de Dickens de l'Angleterre au Brésil, compte tenu des particularités (con)textuelles du roman anglais, de la traduction française et de la traduction machadienne.

**Mots-clé:** *Oliver Twist* ; Angleterre-France-Bésil ; Machado de Assis.

---

\*Este trabalho é resultado do projeto de mestrado “Machado de Assis e a (re)escrita de *Oliver Twist*”.

### ***Oliver Twist* de Charles Dickens**

A circulação de *Oliver Twist* na Inglaterra está inicialmente ligada à criação de uma revista literária inglesa na primeira metade do século XIX. Segundo Walter Graham (1930), em agosto de 1836, Richard Bentley contratou Charles Dickens para ser editor de uma revista mensal, com data inaugural prevista para janeiro do ano seguinte. Assim, no início de 1837, surgia a *Bentley's Miscellany* (doravante *Bentley's*), uma nova revista literária no cenário dos periódicos ingleses, na qual Dickens iniciaria, a partir de fevereiro daquele ano, a publicação seriada de seu segundo romance: *Oliver Twist*.

Tal como a *Bentley's* é apresentada ao público em seu número inaugural, depreende-se que esta visava a se estabelecer como uma revista mensal diferenciada das demais publicações existentes à sua época. De fato, as palavras de Dr. Maginn<sup>1</sup>, no artigo de fundo, publicado em janeiro de 1837, são bastante assertivas quanto a isso:

What we propose is simply this: - We do not envy the fame or glory of other monthly publications. Let them all have their room. We do not desire to jostle them in their course to fame or profit, even if it was in our power to do so. (...) In short, to all our periodical contemporaries we wish every happiness and success; and for those among their contributors whose writings tend to amuse or instruct; - and many among them there are to whom such praise may be justly applied, - we feel the highest honour and respect. We wish that we could catch them all, to illuminate our pages, without any desire whatever that their rays should be withdrawn from those in which they are at present shining.

Our path is single and distinct. In the first place, we have nothing to do with politics. We are so far Conservatives as to wish that all things which are good and honourable for our native country should be preserved with jealousy. We are so far Reformers as to desire that every weed which defaces our conservatory should be unsparingly plucked up and cast away. But is it a matter of absolute necessity that people's political opinions should be perpetually obtruded upon public notice? Is there not something more in the world to be talked about than Whig and Tory? We do not quarrel with those who find or make it their vocation to show us annually or quarterly, or hebdomadally, or diurnally, how we are incontestably saved or ruined; they have chosen their line of walk, and a pleasant one no doubt it is; but, for our softer feet may it not be permitted to pick out a smoother and a greener promenade, - a path of springy turf and odorous sward, in which no rough pebble will lacerate the ankle, no briery thorn penetrate the wandering sole?<sup>2</sup>(MAGINN, 1837)

Seguramente, Maggin deixa claro que a *Bentley's* almejava se estabelecer por uma via diversa das demais publicações da época, deixando de lado discussões políticas, primordialmente, e oferecendo ao público do periódico um passeio mais brando. Parte dessa singularidade, até onde entendemos, compreendia destinar em suas páginas mais espaço à ficção do que a qualquer outro gênero, e não a todo tipo de ficção. É interessante notar que, ao expressar seu respeito pelos colaboradores dos periódicos coetâneos à *Bentley's* e o desejo de ter seus escritos para iluminar as páginas da revista, Maggin sinaliza um tipo de contribuição que se esperaria para o periódico: aquela que cuidasse de “entretêr” e “instruir”.

Ao que parece, ao menos os primeiros capítulos de *Oliver Twist* destoaram dessa linha editorial sinalizada por Maggin, dadas as opiniões desfavoráveis suscitadas pela leitura do início do romance. Conforme comenta Philip Horne (2003), o reverendo R. H. Barham, um dos colaboradores da *Bentley's*, achou o início de *Oliver Twist*

politicamente inquietante. Nas palavras de Barham, “*there is a sort of radicalish tone about Oliver Twist which I don’t altogether like. I think it will not be long till it is remedied, for Bentley is loyal to the backbone himself*”<sup>3</sup> (BARHAM, 1837 apud HORNE, 2003).

De fato, o romance, tal como publicado na *Bentley’s*, apresenta as venturas e desventuras do pequeno Oliver em um mundo de contrapontos, que abarca as façanhas das autoridades da oficina de trabalho, as artimanhas da quadrilha de Fagin pelas vielas de Londres, e um mundo burguês idealizado, através do olhar de um narrador cujo tom é notavelmente crítico, irônico e, por vezes, melodramático - tom esse que parece suavizado ao longo das edições inglesas e das traduções. Nesse sentido, é relevante destacar as particularidades das edições do texto inglês, pois elas permitem lançar uma hipótese acerca do(s) texto(s) utilizado(s) pelo tradutor francês, e, por conseguinte, minimizar as chances de creditar a ele alterações promovidas pelo próprio Charles Dickens ao revisar o texto do romance.

Iniciemos pelas edições no contexto inglês. Segundo Philip Horne (2003), são cinco as edições subsequentes à publicação do romance dickensiano na *Bentley’s*. Neste capítulo, daremos enfoque apenas a particularidades textuais de *Oliver Twist* na *Bentley’s* e nas duas edições seguintes, de 1838 e 1846, por razões que ficarão mais claras a seguir quando a tradução francesa for discutida.<sup>4</sup> Para tanto, valemo-nos dos apontamentos feitos por Philip Horne (2003) acerca das edições e alterações do romance de Dickens no contexto inglês. Ademais, vale ressaltar que ilustraremos somente algumas particularidades, ou seja, aquelas que julgamos mais significativas para identificar o percurso de *Oliver Twist* até o Brasil, sem necessariamente analisá-las aqui em termos de sua implicação na estrutura narrativa.

Dentre as particularidades das edições de 1838 e 1846, vale atentar para a disposição dos capítulos do romance, já que tal disposição constitui uma das características que diferenciam as edições inglesas.

Ao longo de sua publicação na *Bentley’s*, de fevereiro de 1837 a abril de 1839, *Oliver Twist* compõe-se de cinquenta e um capítulos dispostos em três livros: o primeiro livro, contendo vinte e dois capítulos; o segundo, quatorze capítulos; e o terceiro, quinze capítulos. Essa divisão é particularmente curiosa, pois poderia indicar que, ao escrever o romance, Dickens já visasse a uma futura publicação em três volumes, como, com efeito, ocorre em 1838, antes ainda do término da serialização do romance na *Bentley’s*.

Quando o texto da *Bentley’s* foi revisado para a edição em três volumes, em 1838, o escritor inglês fez uma série de pequenos ajustes de pontuação, bem como eliminou e alterou algumas passagens mais longas do romance (HORNE, 2003). Dentre essas passagens alteradas, destaca-se o capítulo de abertura do romance. Vejamos, em primeiro lugar, como o romance inicia na *Bentley’s*:

Among other public buildings in the town of Mudfog, it boasts of one which is common to most towns great or small, to wit, a workhouse; and in this workhouse there was born on a day and date which I need not trouble myself to repeat, inasmuch as it can be of no possible

consequence to the reader, in this stage of the business at all events, the item of mortality whose name is prefixed to the head of this chapter. (DICKENS, 2003)

Como se pode constatar, na edição da *Bentley's*, a referência ao nascimento de Oliver inclui menção à cidade onde o protagonista nasce. Vale notar que Mudfog é descrita em outra narrativa de Charles Dickens, a saber, "*Public Life of Mr. Tulrumbly, once a mayor of Mudfog*", também publicada na *Bentley's*, em janeiro de 1837:

Mudfog is a pleasant town - a remarkably pleasant town situated in a charming hollow by the side of a river, from which river, Mudfog derives an agreeable scent of pitch, tar, coals, and rope-yarn, a roving population in oilskin hats, a pretty steady influx of drunken bargemen, and a great many other maritime advantages. There is a good deal of water about Mudfog, and yet it is not exactly the sort of town for a watering-place, either. Water is a perverse sort of element at the best of times, and in Mudfog it is particularly so. In winter, it comes oozing down the streets and tumbling over the fields,- nay, rushes into the very cellars and kitchens of the houses, with a lavish prodigality that might well be dispensed with; but in the hot summer weather it will dry up, and turn green: and, although, green is a very good colour in its way, especially in grass, still it certainly is not becoming to water; and it cannot be denied that the beauty of Mudfog is rather impaired, even by this trifling circumstance. Mudfog is a healthy place - very healthy; - damp, perhaps, but none the worse for that. It's quite a mistake to suppose that damp is unwholesome: plants thrive best in damp situations, and why shouldn't men? The inhabitants of Mudfog are unanimous in asserting that there exists not a finer race of people on the face of the earth; here we have indisputable and veracious contradiction of the vulgar error at once. So, admitting Mudfog to be damp, we distinctly state that it is salubrious. (BENTLEY'S MISCELLANY, 1837)

Assim, em tom marcadamente irônico, o narrador descreve a cidade fictícia de Mudfog. É bastante curioso, a nosso ver, o fato de Dickens ter escolhido Mudfog como ponto inicial da trajetória do protagonista de seu segundo romance. A publicação de *Oliver Twist* inicia em fevereiro de 1837, e, portanto, um mês após a publicação de "*Public Life of Mr. Tulrumbly, once a mayor of Mudfog*", narrativa onde a cidade é primeiramente citada. Pensamos que o público que acompanhava a *Bentley's*, ao ler a abertura do romance *Oliver Twist*, recobriria o contexto de Mudfog, por se tratar de um espaço ficcional previamente conhecido.

Esse exemplo parece mostrar a importância de se considerar o todo do qual a publicação faz parte, quando se trata de uma publicação em periódico, como é o caso de *Oliver Twist* na *Bentley's*. Conforme sintetiza Maria Eulália Ramicelli (2009),

o significado do texto também [é] construído a partir do conjunto discursivo no qual ele se integra, isto é, a partir de todos os outros textos com os quais ele está obrigatoriamente relacionado pelo processo de inclusão no periódico.

A relação que se estabelece entre "*Public Life of Mr. Tulrumbly, once a mayor of Mudfog*" e a abertura de *Oliver Twist* ganha mais sentido se considerarmos ainda o fato de que, ao editar o texto da *Bentley's* para a publicação em outro meio e o formato, a saber, para a edição em três volumes de 1838, Dickens ajusta a fala do narrador, que deixa de fazer menção a esse espaço ficcional:

Among other public buildings in a certain town which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which I will assign no fictitious name, it boasts of one which is common to most towns, great or small, to wit, a workhouse; and in this workhouse was born, on a day and date which I need not take upon myself to repeat, inasmuch as it can be of no possible consequence to the reader, in this stage of the business at all events, the item of mortality whose name is prefixed, to the head of this chapter. (DICKENS, 1839)

Seguindo essa alteração na abertura do romance, há outros trechos do texto da *Bentley's* que também foram eliminados por Dickens na edição de 1838. Dentre eles destacam-se dois parágrafos, significativamente longos, no início do capítulo quinze, que apresentam uma digressão do narrador acerca da benevolência e interesse próprio (HORNE, 2003). Citamo-los a seguir:

If I did not come strictly within the scope of bearing of my long-considered intentions and plans regarding this prose epic (for such I mean it to be,) to leave the two old gentlemen sitting with the watch between them long after it grew too dark to see it, and both doubting Oliver's return, the one in triumph, and the other in sorrow, I might take occasion to entertain the reader with many wise reflections on the obvious policy of ever attempting to do good to our fellow-creatures where there is no hope of earthly reward; or rather on the strict policy of betraying some slight degree of charity or sympathy in one particularly unpromising case, and then abandoning such weaknesses forever. I am aware that, in advising even this slight dereliction from the paths of prudence and worldliness, I lay myself open to the censure of many excellent and respectable persons, who have long walked therein; but I venture to contend, nevertheless, that the advantages of the proceeding are manifold and lasting. As thus: if the object selected should happen most unexpectedly to turn out well, and to thrive and amend upon the assistance you have afforded him, he will, in pure gratitude and fullness of heart, laud your goodness to the skies; your character will be thus established, and you will pass through the world as most estimable person, who does a vast deal of good in secret, not one-twentieth part of which will ever see the light. If, on the contrary, his bad character become notorious, and his profligacy a byword, you place yourself in the excellent position of having attempted to bestow relief most disinterestedly; of having become misanthropical in consequence of the treachery of its object; and of having made a rash and solemn vow, (which no one regrets more than yourself,) never to help or relieve any man, woman, or child again, lest you should be similarly deceived. I know a great number of persons in both situations at this moment, and I can safely assert that they are the most generally respected and esteemed of any in the whole circle of my acquaintance.

But, as Mr Brownlow was not one of these; as he obstinately persevered in doing good for its own sake, and the gratification of heart it yielded him; as no failure dispirited him, and no ingratitude in individual cases tempted him to wreak his vengeance on the whole human race, I shall not enter into such digression in this place: and, if this be not a sufficient reason for this determination, I have a better, and, indeed, a wholly unanswerable one, already stated; which is, that it forms no part of my original intention to do so. (DICKENS, 2003)

Por fim, vale apontar que na edição em três volumes de 1838, a divisão do romance em três partes é mantida, porém há uma mudança quanto à numeração dos capítulos. A partir de então, os capítulos passam a ser numerados em sequência de um a cinquenta e um (HORNE, 2003).

Quando o romance foi editado para a publicação de 1846, Dickens ajustou o texto em termos de pontuação, reescreveu certos trechos, eliminando expressões que poderiam soar exageradas (HORNE, 2003). Diferentemente do texto da *Bentley's* e da edição de três volumes de 1838, cujo total de capítulos somava cinquenta e um, a edição de 1846 apresenta cinquenta e três capítulos (HORNE, 2003). Isso ocorre

porque, em quatro pontos específicos da trama, Dickens rearranja o corte da passagem de um capítulo para o outro. Tomando o texto da *Bentley's* como referência, esse rearranjo ocorre na passagem do capítulo doze para o treze, no livro um; do sete para o oito, no livro dois; do três para o quatro e do sete para o oito, no livro três (HORNE, 2003).

A título de exemplo, ilustramos a passagem do capítulo doze para o treze. No capítulo doze, Oliver encontra-se na casa do Sr. Brownlow, onde é tratado com um cuidado que nunca recebera antes. Lá o pequeno órfão se depara com um retrato que lhe chama atenção. Trata-se (como se saberá próximo ao desfecho) do retrato de Agnes, mãe de Oliver. O Sr. Brownlow já havia percebido algo de familiar nas feições de Oliver, quando ambos se encontraram pela primeira vez. Mas agora que Oliver estava a sua frente, próximo ao retrato de Agnes, Brownlow fica perplexo e exclama: "*Gracious God, what's this! Bedwin, look, look there!*" (DICKENS, 2003). Na sequência o narrador acrescenta:

As he [Mr Brownlow] spoke, he pointed hastily to the picture above Oliver's head, and then to the boy's face. There was its living copy, - the eyes, the head, the mouth; every feature was the same. The expression was for the instant so precisely alike, that the minutest line seemed copied with an accuracy which was perfectly unearthly. Oliver knew not the cause of this sudden exclamation, for he was not strong enough to bear the start it gave him, and he fainted away. (DICKENS, 2003)

Na *Bentley's*, o capítulo doze termina exatamente quando Oliver desmaia, sem entender o espanto de Brownlow. Isso acontece após o episódio do roubo do lenço do Sr. Brownlow na banca de livros envolvendo Oliver, Charley Bates e Jack Dawkins. Depois disso, não sabemos o que foi feito de Charley e Jack e é justamente para informar o que houve com eles após o roubo que o narrador inicia o capítulo treze:

When the Dodger and his accomplished friend Master Bates joined the hue and cry which was raised at Oliver's heels, in consequence of their executing an illegal conveyance of Mr Brownlow's personal property, as hath been already described with great perspicuity in a foregoing chapter, they were actuated, as we therein took occasion to observe, by a very laudable and becoming regard for themselves: and forasmuch as the freedom of the subject and the liberty of the individual are among the first and proudest boasts of a true-hearted Englishman, so I need hardly beg the reader to observe that this action must tend to exalt them in the opinion of all public and patriotic men, in almost as great a degree as this strong proof of their anxiety for their own preservation and safety goes to corroborate and confirm the little code of laws which certain profound and sound-judging philosophers have laid down as the mainspring of all Madam Nature's deeds and actions. (DICKENS, 2003)

Após esse discurso do narrador em defesa dos meninos, o capítulo treze segue com a fuga de Charley e Jack, e a reação de Fagin e seus camaradas ao descobrirem que Oliver havia sido detido.

Na edição de 1846, o capítulo doze não encerra com o desmaio do protagonista. Após Oliver perder os sentidos, o narrador segue contando acerca da fuga de Charley e Jack, e o capítulo termina somente quando os meninos chegam à casa de Fagin: "*The footsteps approached nearer; they reached the landing. The door was slowly opened; and the Dodger and*

*Charley Bates entered: closing it behind them*” (DICKENS, 1999). O capítulo treze inicia com a reação de Fagin ao perceber que Oliver não retornara: “*WHERE’S Oliver?*” *Said the furious Jew, rising with a menacing look. ‘Where’s the boy?’*” (DICKENS, 1999).

Verifica-se, então, com os exemplos acima citados, que, desde sua publicação inicial em 1837 até a edição de 1846, as aventuras do pequeno órfão Oliver ganharam as páginas de diferentes formatos e meios de circulação, e, igualmente, a narrativa foi ganhando novos contornos... perdendo alguns.

### ***Oliver Twist: do outro lado da Mancha***

Os romances de Charles Dickens estiveram disponíveis ao público francês pouco tempo após sua publicação na Inglaterra (MONOD, 1999). Prova disso são as traduções francesas de *Oliver Twist*. Em 1841, portanto, apenas quatro anos após o início de sua publicação na *Bentley’s*, o romance de Dickens ganha sua primeira tradução na França: *Olivier Twist, ou l’Orphelin Du Dépôt de Mendicité*, por Ludovic Bernard. Essa tradução foi seguida de mais duas: *Les Voleurs de Londres*, de La Bedollière, em 1850; e, *Olivier Twist*, por Alfred Gérardin, em 1864 (Massa, 1965). Dentre essas traduções francesas, destaca-se a de Gérardin, pois, para Jean-Michel Massa (1965), é a partir dela que Machado de Assis realiza sua tradução de *Oliver Twist*.

Cumpramos reconhecer que Massa chama atenção para um fato relevante na trajetória do romance de Dickens até o Brasil, a saber, a mediação francesa no processo tradutório. Conforme destaca Sandra Vasconcelos (2005), “*a França, (...) além de oferecer seus próprios bens culturais, exerceu um papel preponderante como mediadora entre o Brasil e a Inglaterra, no que diz respeito à importação dos romances.*” Tal processo de mediação cultural entre a Inglaterra e o Brasil chegou a ofuscar frequentemente a origem inglesa dos romances (Vasconcelos, 2005). A propósito, a pesquisa de Marlyse Meyer sobre a origem do romance *Sinclair das Ilhas* é exemplar. Em “O que é, ou quem foi *Sinclair das Ilhas?*”, Meyer (1996) investiga a procedência desse romance, citado várias vezes em outros romances e contos brasileiros, sem nunca ter sua autoria revelada. Os catálogos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro indicavam Mme. Montolieu como autora de *Sinclair das Ilhas*. No entanto, conforme descobriu Meyer na Bibliothèque Nationale de France, esse romance foi publicado em 1803 por uma romancista inglesa chamada Mrs Elizabeth Helme e chegou ao Brasil via tradução francesa, feita por Mme. Montolieu (Meyer, 1996).

No que diz respeito à circulação de *Oliver Twist*, diferentemente do que ocorria com frequência, a origem inglesa do romance vem declarada tanto no contexto francês quanto no brasileiro. A tradução de Alfred Gérardin, especificamente, indica também os agentes envolvidos no processo de circulação do romance na França. Assim, sabe-se que *Olivier Twist*, romance de Dickens, foi traduzido, com a autorização do autor, por Alfred Gérardin, sob a direção de P. Lorain e foi publicado pela Librairie L. Hachette e Cie, de Paris. Considerando a data da tradução francesa, pode-se dizer que esta resulta de um acordo firmado em 1856, entre Dickens e Louis Hachette, para a publicação das obras completas de Dickens em tradução francesa, traduções realizadas sob direção de P. Lorain. Quanto à

equipe liderada por Lorain, segundo Sylvère Monod (1999), tratava-se de um grupo de tradutores que parecem ter sido escolhidos quase ao acaso. De Gérardin, particularmente, pouco se sabe, além do fato de ter sido professor de história e língua inglesa em alguns liceus parisienses como o reconhecido Henri IV.

Como já apontou Monod (1999), a tradução francesa do romance dickensiano por Gérardin é uma das mais adequadas, mesmo apresentando algumas omissões e imprecisões. O cotejo dessa tradução e das edições inglesas (da *Bentley's* e das duas edições subsequentes, de 1838 e 1846) mostra que Gérardin parece ter buscado traduzir *Oliver Twist* ao público francês mantendo-se o mais próximo possível do texto inglês. Isso implicou a inclusão de notas explicativas para falas em que o narrador ou as personagens usam termos e expressões que fariam parte primordialmente do repertório do público inglês. Exemplo disso encontra-se no capítulo quatorze, onde o narrador conta que, após o chá, a Sra. Bedwin começou a ensinar *cribbage* a Oliver. Aqui, o tradutor francês acrescenta uma nota de rodapé para informar que *cribbage* compreendia um jogo de cartas bastante comum na Inglaterra. Ainda no mesmo capítulo, quando Bedwin anuncia a chegada do Sr. Grimwig à casa do Sr. Brownlow e comenta que o primeiro perguntara sobre os *muffins*, novamente há uma nota explicando que *muffin* é um bolo típico servido com chá.

Percebe-se ainda que para termos e expressões possivelmente não familiares ao público francês, Gérardin buscou termos que, de certa forma, cumprissem função semelhante à daqueles do texto inglês. Vejamos brevemente o que ocorre no capítulo quinze. Nesse capítulo, Fagin encontra-se em uma taverna e põe-se a ler as interessantes páginas do *Hue and Cry*, um boletim policial que informava sobre os crimes cometidos e os criminosos procurados (HORNE, 2003). Ao ler esse capítulo, já se sabe que Oliver foi detido, após o roubo na banca de livros, e que ele se deu conta de que Fagin e seus companheiros fazem parte de um grupo de criminosos. Sabe-se também que, por esse motivo, Fagin teme que Oliver o delate, e, ao que se pode inferir, lê o *Hue and Cry* a fim de saber se está sendo procurado pela polícia. Dado que *Hue and Cry* poderia não ser familiar ao público francês, Gérardin traduz o título do periódico inglês por *Journal des Tribunaux*, que, de certa forma, parece também aludir a um periódico informativo sobre tribunais, julgamentos, criminosos, e, assim, o texto de Gérardin parece manter-se em consonância com o texto de Dickens.

Há, no entanto, casos em que igual substituição não parece ter sido possível. Voltemo-nos para o capítulo cinco. Esse capítulo introduz uma nova personagem, Noah Claypole, apresentado pelo narrador do texto inglês como um *charity-boy*. Horne (2003) diz que a palavra *charity-boy* refere-se aos meninos que frequentavam escolas de caridade (*charityschools*), cujo uniforme incluía calças de couro na altura dos joelhos (*leatherbreeches*), que os distinguiam como beneficiários de caridade. Considerando essa informação, quando o narrador menciona que os meninos da vizinhança tinham o costume de nomear Noah Claypole com epítetos ignominiosos tais como “*leathers*”, depreende-se que os meninos estão zombando de Noah pelo fato de ele ser pobre e frequentar a escola de caridade, já que eles se referem a uma peça do vestuário de Noah que o distingue como tal. No texto francês, o narrador limita-se a dizer que os meninos o chamavam pelos mais



ofensivos epítetos, o que parece mostrar a impossibilidade de Gérardin utilizar um termo que articulasse no texto francês um sentido semelhante ao do inglês.

Não obstante, mesmo omitindo e/ou adaptando, o tradutor francês não parece alterar significativamente o texto inglês. Vejamos um exemplo na estruturação da voz narrativa. No capítulo dez, Oliver se encontra em Londres, junto a Fagin (o judeu) e seus camaradas. Logo no início desse capítulo, na edição da *Bentley's*, o narrador do texto dickensiano conta que

Oliver was rendered the more anxious to be actively employed by what He had seen of the stern morality of the old gentleman's character. Whenever the Dodger and Charley Bates came home at night empty-handed, he [Fagin] would expatiate with great vehemence on the misery of idle and lazy habits, and enforce upon them the necessity of an active life by sending them supperless to bed: upon one occasion he even went so far as to knock them both down a flight of stairs; but this was carrying out his virtuous precepts to an unusual extent. (DICKENS, 2003)

Nesse trecho, o narrador conta que Fagin punia Jack e Charley sempre que eles voltavam para casa “de mãos vazias”. Nesse ponto do capítulo dez, já se pode inferir que os meninos fazem parte de um grupo de criminosos que furtam objetos para Fagin. Nesse sentido, o fato de o narrador referir-se à “implacável moral” do judeu e qualificar seu comportamento como “virtuoso”, ao final do trecho, parece contradizer o que se relata sobre seus atos em relação aos meninos, configurando, assim, um paradoxo que confere tom irônico à voz narrativa.

Na tradução francesa, esse trecho apresenta uma ligeira alteração:

Olivier était d'autant plus désireux de travailler activement, qu'il avait pu juger de l'inflexible sévérité du vieux juif. Chaque fois que le Matois ou Charlot Bates rentraient le soir les mains vides, il leur adressait une longue et énergique mercuriale, sur les inconvénients de la paresse et de oisiveté, et, pour mieux graver dans leur mémoire la nécessité d'être actifs et laborieux, il les envoyait coucher sans souper. Il alla même une fois jusqu'à les précipiter du haut de l'escalier; mais il était rare qu'il poussât jusqu'à cette extrémité la ferveur de ses recommandations vertueuses. (DICKENS, 1867)

Ao traduzir *sternmorality* por *inflexible sévérité*, Gérardin enfatiza uma das características do judeu, a saber, sua rispidez. Assim, o texto francês não chega a perder o paradoxo criado originalmente por Dickens, uma vez que o narrador também faz menção, ao final do trecho, aos preceitos virtuosos do judeu, mantendo assim o tom irônico.

Ainda no que se refere à tradução francesa de Gérardin, vale notar que, quando esta foi realizada na França, Dickens já havia editado o texto da *Bentley's* duas vezes, para as publicações de 1838 e 1846, promovendo alterações na estrutura do romance. A propósito, em “Les premiers traducteurs français de Dickens”, Sylvère Monod (1999) afirma que a tradução de Gérardin apresenta “omissões” e “imprecisões”, mas não indica qual foi a edição inglesa por ele utilizada no cotejo que lhe permite tal afirmação. Se considerarmos, então, o texto inglês da *Bentley's* e das duas edições subsequentes, de 1838 e 1846, como base para comparação da tradução francesa, deparamo-nos com um cenário bastante particular. Vejamos.

O capítulo um da tradução de Gérardin inicia da seguinte forma:

Parmi les divers monuments publics qui font l'orgueil d'une ville dont, par prudence, je tairai le nom, et à laquelle je ne veux pas donner un nom imaginaire, il en est un commun à la plupart des villes grandes ou petites: c'est le dépôt de mendicité. Un jour, dont il n'est pas nécessaire de préciser la date, l'autant plus qu'elle n'est d'aucune importance pour le lecteur, naquit dans ce dépôt de mendicité le petit mortel dont on a vu le nom en tête de ce chapitre. (DICKENS, 1867)

Como se pode ver, de forma semelhante ao texto de Dickens da edição de três volumes de 1838 (e edições seguintes), o texto de Gérardin tampouco faz menção ao local de nascimento do protagonista, ocorrência apenas encontrada na abertura do texto publicado na *Bentley's*.

Outro excerto que mostra a proximidade da tradução francesa com a edição de 1838 está no início do capítulo seis. Na *Bentley's*, esse capítulo inicia com o narrador contando que,

It was a nice sickly season just at this time. In commercial phrase, coffins were looking up; and, in the course of a few weeks, Oliver had acquired a great deal of experience. (DICKENS, 2003)

Na edição de 1838, o narrador inicia o capítulo informando sobre o término do período de experiência de Oliver junto ao Sr. Sowerberry, para, em seguida, contar sobre a próspera temporada no meio funerário e o desempenho do menino:

The month's trial over, Oliver was formally apprenticed. It was a nice sickly season just at this time. In commercial phrase, coffins were looking up; and, in the course of a few weeks, Oliver had acquired a great deal of experience. (DICKENS, 1839; 1999)

A fala do narrador da tradução francesa, no início do capítulo seis, assemelha-se novamente à da edição de 1838:

Au bout d'un mois d'essai, Olivier fut définitivement apprenti; il y eut précisément alors une bonne saison d'épidémies. En style de commerce, les cercueils étaient en hausse; et dans l'espace de quelques semaines, Olivier acquit beaucoup d'expérience; (DICKENS, 1867)

Ademais, vale ressaltar que a tradução francesa também não apresenta os dois parágrafos digressivos do narrador no início do capítulo quinze, tampouco a divisão em três livros, aspectos presentes na versão da *Bentley's* e alterados para a edição inglesa de 1838, conseqüentemente, para a de 1846. Desse modo, poder-se-ia dizer que Gérardin não utilizou como base, para realizar sua tradução, o texto tal como publicado no periódico inglês.

Resta-nos, então, investigar as edições de 1838 e 1846. Uma leitura atenta do texto francês e dessas duas edições mostra que o texto de Gérardin apresenta tradução de trechos que constam apenas da edição inglesa de 1838, trechos esses que foram eliminados ou reescritos por Charles Dickens quando o autor revisou *Oliver Twist* oito anos mais tarde, em 1846. Um exemplo dentre vários. No capítulo doze, que

trata do período em que Oliver, ainda enfermo, passou na casa do Sr. Brownlow sob os cuidados da Sra. Bedwin, o narrador conta que

But for many days Oliver remained insensible to all the goodness of his new friends; the sun rose and sunk, and rose and sunk again, and many times after that, and still the boy lay stretched upon his uneasy bed, dwindling away beneath the dry and wasting heat of fever, - that heat which, like the subtle acid that gnaws into the very heart of hardest iron, burns only to corrode and destroy. (Dickens, 1839)

Para a edição de 1846, segundo Horne (2003), Dickens ajustou o texto em termos de pontuação e reescreveu certos trechos, eliminando expressões que poderiam soar exageradas. É o acontece com esse parágrafo citado acima que na edição de 1846 se apresenta como a seguir:

But, for many days, Oliver remained insensible to all the goodness of his new friends. The sun rose and sank, and rose and sank again, and many times after that; and still the boy lay stretched upon his uneasy bed: dwindling away beneath the dry and wasting heat of fever. (Dickens, 1999)

Como se pode ver, Dickens omite uma parte da fala do narrador que descreve, de forma um tanto melodramática, o estado febril de pequeno órfão. Já a tradução francesa de Gérardin apresenta esse parágrafo ainda como traz a edição inglesa de 1838:

Mais pendant plusieurs jours le pauvre Olivier resta insensible à tous les soins de ses nouveaux amis; bien des fois le soleil se leva et se coucha, et l'enfant restait étendu sur son lit de douleur, en proie à une fièvre dévorante, que le minait comme l'acide subtil pénètre et ronge le fer le plus dur. (Dickens, 1867)

Embora de modo mais conciso do que o narrador do texto inglês, o narrador da tradução francesa também descreve o estado de Oliver com certo tom melodramático.

Igualmente, no capítulo vinte e nove, o narrador da edição de 1838, relatando a reação afetuosa de Mrs Maylie ao encontrar Oliver que, ferido, fora acudido por Miss Rose, diz que *"The elder lady smiled; but her heart was full, and she brushed away a tear as she did so"* (DICKENS, 1839). Essa passagem, que foi omitida na edição de 1846, aparece traduzida no texto francês: *« la vieille dame sourit ; mais son coeur était plein, et tout en souriant elle laissa échapper une larme »* (Dickens, 1867).

É intrigante, no entanto, constatar que, se considerarmos a formatação (i.e., número de capítulos, títulos, início e corte do texto em cada capítulo), a tradução francesa de Gérardin apresenta-se tal qual a edição de 1846. Diferentemente do texto da edição de três volumes de 1838, cujo total de capítulos somava cinquenta e um, a edição de 1846 constitui-se de cinquenta e três capítulos. A tradução de Gérardin também apresenta cinquenta e três capítulos, pelo mesmo motivo da edição de 1846: um rearranjo da passagem de um capítulo para o outro em quatro pontos específicos da trama.

Retomamos aqui, como exemplo, a passagem do capítulo doze para o treze. Nesse capítulo, como mencionado anteriormente, Oliver encontra-se com o Sr. Brownlow,

quando ocorre o episódio do retrato de Agnes, retrato que deixa Brownlow perplexo. Seguindo o sobressalto de Brownlow, o narrador do texto francês diz:

Et en parlant ainsi il [M. Brownlow] montrait du doigt tour à tour le portrait placé au-dessus de la tête d'Olivier, puis la figure de l'enfant: c'était la copie vivante du portrait; mêmes yeux, même bouche, mêmes traits. En ce moment la ressemblance était tellement frappante, que toutes les lignes du visage semblaient reproduites avec une précision merveilleuse. Olivier ignorait la cause de cette exclamation soudaine; il n'était pas assez fort pour supporter l'émotion qu'elle lui causa, et il s'évanouit. (Dickens, 1867)

Conforme ocorre na edição de 1846, e, portanto, diferentemente da edição de 1838, o capítulo doze da tradução francesa não encerra com o desmaio de Oliver; ao contrário, continua com o relato da fuga de Charley Bates e Jack Dawkins:

Quand le Matois e son digne camarade maître Bates, après s'être approprié d'une manière illégale le mouchoir de M. Brownlow, s'étaient joints à la foule qui poursuivait Olivier, comme nous l'avons raconté précédemment, ils avaient obéi à un sentiment louable et méritoire, celui de se sauver eux-mêmes. Comme le respect de la liberté individuelle est un des privilèges dont tout bon Anglais s'enorgueillit le plus, je n'ai pas besoin de faire observer que cette fuite de nos jeunes filous doit les relever dans l'esprit des patriotes sincères. (Dickens, 1867)

De igual forma, o capítulo doze do texto de Gérardin encerra somente quando os meninos chegam à casa de Fagin: « *Les pas se rapprochèrent et se firent bientôt entendre sur le palier. La porte s'ouvrit lentement ; le Matois et Charlot Bates entrèrent et la fermèrent derrière eux* » (Dickens, 1867). O capítulo treze inicia com a reação de Fagin ao perceber que Oliver não retornara: « *Où est Olivier? dit le juif avec fureur, en se levant d'un air menaçant; qu'est-il devenu?* » (Dickens, 1867).

Assim, a tradução de Gérardin aproxima-se bastante, em termos de conteúdo, da edição de três volumes publicada em 1838, e, em termos de formatação, da edição de 1846. Diante desse cenário, parece válida a seguinte indagação: teria Alfred Gérardin, consciente de que *Oliver Twist* fora editado duas vezes por Charles Dickens, em 1838 e 1846, usado essas duas edições como texto-base para realizar sua tradução francesa? Vale lembrar que a revisão mais completa do romance foi feita por Dickens em 1846, e as edições seguintes de 1850 e 1858, anteriores à tradução francesa, não trazem, segundo a seleção de variantes textuais organizada por Philip Horne, alterações significativas. Assim, parece pouco provável que Gérardin tenha utilizado ainda outra edição que não as duas subsequentes à publicação da *Bentley's*. Seja como for, o cotejo do texto da *Bentley's*, da edição de três volumes de 1838, de 1846, e da tradução francesa, parece suficiente para que se possa traçar a trajetória do romance dickensiano até a França, e, por conseguinte, saber de onde Machado de Assis partiu para realizar a sua tradução de *Oliver Twist*.

### ***Oliveiro Twist no Jornal da Tarde***

No dia 23 de abril de 1870, o *Jornal da Tarde*, periódico do Rio de Janeiro, anunciava o romance que iria suceder a publicação de *Tenente Roberto*:

**NOVO FOLHETIM.** Começa hoje o magnífico e longo romance do célebre - **CARLOS DICKENS** - intitulado: OLIVEIRO TWIST. As situações dramáticas e cômicas, os lances

inexperados, as aventuras surpreendentes de que este romance está cheio, dão a esperança de que terá um sucesso ainda maior que o do - Tenente Roberto. (Jornal da Tarde, ano I, nº 150:1, grifos no texto)

Trata-se da tradução de *Oliver Twist* de Charles Dickens. Interessante notar que apenas o autor do romance consta do anúncio no periódico. Como se saberia, então, que Machado de Assis é o autor dessa tradução? No estudo crítico e biográfico sobre o escritor brasileiro, Lúcia Miguel Pereira (1955) afirma que, em 1870, além de colaborar com a *Semana Ilustrada* e o *Jornal das Famílias*, Machado iniciou a tradução de um folhetim para o *Jornal da Tarde* - não concluída pelo autor. Em nota explicativa, Pereira esclarece:

Em carta conservada no arquivo da Academia Brasileira de Letras e publicada por Fernando Néri, alude Machado de Assis a esse trabalho sem lhe mencionar o nome; entretanto, o folhetim publicado no momento pelo *Jornal da Tarde*, o *Oliver Twist*, de Dickens, não sofreu nenhuma interrupção. Será essa a tradução de que fala? Terá sido acabada por outro? Deve ter sido, porque é a única do jornal no momento. (PEREIRA, 1955)

De fato, como se pode verificar no *Jornal da Tarde*, *Oliveiro Twist* permanece no folhetim do periódico até 23 de agosto de 1870, quando se publica o último capítulo, o capítulo de número cinquenta e três, que revela o destino de cada personagem da trama. Segundo Jean-Michel Massa (1965), não se pode duvidar de que pelo menos vinte e oito capítulos dessa tradução, compilados por ele em *Dispersos de Machado de Assis*, tenham sido feitos por Machado de Assis.

Prova disso é uma carta encaminhada pelo próprio Machado aos diretores do jornal, na qual o escritor brasileiro comunica a desistência do trabalho que fazia para o periódico:

Era resolução minha [de Machado], de acordo com o recado que de V. Ex. recebi, por intermédio de nosso comum amigo, o doutor França, esperar a chegada do sr. Oliveira para nos entendermos todos três a respeito do trabalho que faço para o *Jornal da Tarde* como tradutor do folhetim. Nisto atendia eu à consideração devida para com os dignos proprietários do *Jornal da Tarde*. - Sobreveio porém uma circunstância que me obriga a modificar aquela resolução, e dizer a V. Ex., que não posso continuar a traduzir o folhetim, como até agora fazia. Não querendo pôr embaraços ao *Jornal da Tarde*, continuarei a tradução até sábado, 18. (GALANTE DESOUSA, J., 1955 apud LÍSIAS, R., 2002)

Com esse comunicado, Machado teria encerrado sua contribuição como tradutor do romance de Dickens quase ao final do capítulo vinte e oito; capítulo publicado no nº 197 do *Jornal da Tarde*, sábado, 18 de junho de 1870. No mínimo é curioso encontrar no nº 198, segunda-feira, 20 de junho de 1870, e, portanto, após o comunicado de Machado, a continuação do capítulo vinte e oito, intitulado "Prosseguem as aventuras de Oliveiro". No entanto, conforme argumenta Jean-Michel Massa, Machado

encerra de fato sua colaboração a partir do capítulo XXVIII, pois o tom da tradução é diferente, com erros de interpretação que só se explicam pelo desconhecimento das páginas já traduzidas pelo novo tradutor. Por exemplo, onde Machado de Assis emprega nas formas de tratamento a terceira pessoa, ou "você", o novo tradutor emprega a segunda pessoa do plural ou do singular. (MASSA, 2008)

Cabe, ademais, retomar o que já foi dito pela crítica com relação ao que teria sido o texto-fonte para Machado realizar a tradução do romance dickensiano e, com isso, seu suposto conhecimento da língua inglesa.

Como já havia apontado Lúcia Miguel Pereira (1955), “*ao se casar, já devia ele conhecer o inglês, pois há nos seus livros dessa época várias citações de Shakespeare no original, e é provável que tenha começado, em 1870, uma tradução do Oliver Twist de Dickens*”. Pois bem, a carta enviada pelo próprio Machado aos diretores do *Jornal da Tarde* confirma que ele traduzia o folheto que estava em curso naquele momento no periódico. E foi isso que levou a crítica a concluir que Machado conhecia bem a língua inglesa, uma vez que, como se chegou a apontar, o romance de Dickens não era texto para tradutores principiantes (MASSA, 2008). Acerca desse imbróglio, Jean-Michel Massa concluiu que, aos vinte e sete anos, com facilidade ou dificuldade (não se sabe), Machado lia em inglês, seja por necessidade profissional seja por prazer (MASSA, 2008). Com efeito, um novo inventário da biblioteca de Machado de Assis feito por Gloria Vianna (2001) mostra que há livros ingleses no original com marcas de manuseio tais como anotações, marcações de leitura, observações, etc. Cito, a exemplo disso, os livros de número 278 e 313 do inventário de Vianna, a saber, *The history of the rebellion and civil wars in England together with na historical view of the affairs of Ireland*, de Edward Earl of Clarendon, publicado em 1849, com chave no primeiro parágrafo e sublinha no segundo; e *The beauties of Shakespeare*, de 1839, livro muito manuseado, com o prefácio assinalado, páginas dobradas, riscos na margem no sentido vertical em várias páginas. Há inclusive *The works of Charles Dickens* no original, mas trata-se de uma edição de 1880, doada a Machado de Assis por Salvador de Mendonça em 19 de agosto de 1881, como consta da dedicatória (VIANNA, 2001).

Cumprido considerar, no entanto, que o fato de Machado ler em inglês aos vinte e sete anos, ou seja, em 1866, não significa que ele tenha traduzido o romance de Dickens obrigatoriamente a partir do original (MASSA, 2008). Assim, considerando outra hipótese, Jean-Michel Massa comparou uma tradução francesa de *Oliver Twist* com a tradução machadiana. O cotejo dos dois textos resulta, segundo o autor, em provas irrefutáveis de que Machado não traduziu o romance de Dickens a partir do texto original:

En effet, sans jamais se reporter au texte original, ainsi que le démontrent les notes, il utilise pour traduire *Oliver Twist* [...] une version française. Il retraduit le texte procuré par Alfred Gérardin, publié en 1864. (MASSA, 1965)<sup>5</sup>

As notas que apresenta Massa em *Dispersos de Machado de Assis* (1965) compreendem exemplos com os quais o crítico buscou mostrar a equivalência entre trechos da tradução francesa de Gérardin e a tradução machadiana, indicando, em cada capítulo, palavras, frases e parágrafos do texto francês que não constam da tradução de Machado. Mais tarde, em *Machado de Assis Tradutor*, Massa volta a tratar da tradução machadiana de *Oliver Twist*, tecendo breves considerações sobre o processo tradutório de Machado de Assis. Como afirma Massa (2008), Machado

remodelou a obra, suprimiu palavras, frases, parágrafos, omitindo trechos de violência e crueza. Ademais, Massa questiona:

seria para dar uma ideia menos sombria da Inglaterra vitoriana que ele suaviza, através de alguns cortes significativos, a descrição dos submundos de Londres (XXVI), ou que ele suprime a caçoada que o autor endereça aos juizes afetados, indiferentes ao sofrimento humano sob suas perucas empoadas (III)? (MASSA, 2008)

Com devida cautela e reconhecimento pelo que Jean-Michel Massa já nos apresentou acerca da tradução machadiana de *Oliver Twist*, não podemos deixar de fazer algumas observações diante do que afirma o crítico francês. Entendemos que o objetivo de Massa ao cotejar a tradução francesa e a machadiana, e apresentar notas desse cotejo em *Dispersos de Machado de Assis*, foi provar que Machado utilizou o texto de Gérardin como base. Isso explicaria o procedimento do crítico francês, qual seja apenas apontar semelhanças e omissões, frase por frase, capítulo a capítulo, sem dar a elas tratamento analítico-crítico. Quanto a *Machado de Assis Tradutor*, mesmo fazendo referência a alguns tipos de omissões feitas por Machado e questionando-se acerca das possíveis razões que levaram a tais omissões, Massanão mostra em profundidade o teor dessas alterações no texto machadiano, tampouco suas consequências. Pensamos que é importante desenvolver uma análise mais profunda da tradução machadiana a fim de que se possa compreender a reestruturação feita por Machado na parte da narrativa por ele traduzida. Para isso, é imprescindível antes mapear o percurso do romance dickensiano até o Brasil, analisando a relação entre as edições inglesas desse romance, a tradução francesa de Alfred Gérardin e a brasileira de Machado de Assis, conforme propusemos no presente trabalho.

Convém, no entanto, dar o devido crédito a Massa pela descoberta do que foi o texto-fonte para Machado de Assis traduzir o romance dickensiano. Há, de fato, evidências linguísticas no texto machadiano que testemunham em favor do argumento de Massa. Apresentamos aqui um exemplo dentre vários. Trata-se do parágrafo inicial do romance, já citado anteriormente.

Na edição inglesa de três volumes (cujo texto parece ter sido base para Gérardin):

Among other public buildings in a certain town which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which I will assign no fictitious name, it boasts of one which is common to most towns, great or small, to wit, a workhouse; and in this workhouse was born, on a day and date which I need not take upon myself to repeat, inasmuch as it can be of no possible consequence to the reader, in this stage of the business at all events, the item of mortality whose name is prefixed to the head of this chapter. (DICKENS, 1839)

Na tradução de Gérardin:

Parmi les divers monuments publics qui font l'orgueil d'une ville dont, par prudence, je tairai le nom, et à laquelle je ne veux pas donner un nom imaginaire, il en est un commun à la plupart des villes grandes ou petites: c'est le dépôt de mendicité. Un jour, dont il n'est pas nécessaire de préciser la date, l'autant plus qu'elle n'est d'aucune importance pour le lecteur, naquit dans ce dépôt de mendicité le petit mortel dont on a vu le nom en tête de ce chapitre. (DICKENS, 1867)

### Na tradução de Machado:

Dentre os vários monumentos públicos que enobrecem uma cidade de Inglaterra, cujo nome tenho a prudência de não dizer, e à qual não quero dar um nome imaginário, um existe comum à maior parte das cidades grandes ou pequenas: é o asilo da mendicidade.

Lá em certo dia, cuja data não é necessário indicar, tanto mais que nenhuma importância tem, nasceu o pequeno mortal que dá nome a este livro. (DICKENS, 2002)

Como mostram os trechos grifados, é inegável a proximidade entre essa tradução francesa e a machadiana, o que nos permitiria dizer que, quando Machado traduz um segmento do texto de Gérardin (considere-se que há casos em que ele o omite ou altera), o faz de forma quase literal. Daí, até onde entendemos, Massa dizer que a correspondência entre o texto de Gérardin e o de Machado é total, completa e absoluta (MASSA, 1965). De fato, as escolhas lexicais feitas por Machado nesse trecho, a exemplo de “asilo da mendicidade” e “pequeno mortal”, para citar apenas duas, não poderiam ter resultado da tradução direta de “*workhouse*” e “*item of mortality*”, mas de “*dépôt de mendicité*” e “*petit mortel*”; do contrário, seria por demais coincidência o trecho machadiano assemelhar-se ao de Gérardin sem que aquele não tivesse sido elaborado a partir deste. O fato de os trechos que são mantidos na tradução machadiana se apresentarem de forma muito próxima aos da tradução francesa poderia, igualmente, reforçar a hipótese de as omissões e alterações promovidas por Machado fazerem parte de um processo de seleção consciente da parte de escritor/tradutor brasileiro. Com efeito, uma análise acurada sugere que as interferências feitas por Machado são pontuais e não parecem feitas ao acaso.

### Conclusão

Conforme apresentamos, *Oliver Twist* ganhou várias edições em seu contexto de origem. Considerando especificamente a edição publicada na *Bentley's* e as duas edições subsequentes, de 1838 e 1846, ambas apresentam intervenções promovidas pelo escritor inglês, dentre as quais se destacam aquelas da edição de 1846, que resultou na revisão mais completa do romance. Seguindo às edições inglesas, investigamos a tradução francesa de Alfred Gérardin (texto-base para Machado) e constatamos que Gérardin traduziu *Oliver Twist* ao público francês mantendo-se o mais próximo possível do texto inglês, o que implicou a inclusão de notas explicativas e adaptação de termos que, de certa forma, cumprissem função semelhante à daqueles do texto inglês. Vimos que a tradução de Gérardin aproxima-se bastante, em termos de conteúdo, da edição de três volumes publicada em 1838, e, em termos de formatação, da edição de 1846. Por fim, pudemos nos debruçar sobre o texto machadiano e evidenciar algumas das marcas da mediação francesa apontada pelo crítico francês Jean-Michel Massa.

Com efeito, recuperar o percurso do romance dickensiano até as páginas do *Jornal da Tarde* compreendeu um passeio por vias não tão diretas que nos levam pelos meandros da tradução literária no século XIX. Para além disso, tal mapeamento parece essencial, pois permite, ainda que modo superficial, visualizar marcas (con)textuais de uma narrativa que viaja no tempo e espaço, ganhando novos contornos ... perdendo alguns.



**Referências Bibliográficas:**

Dickens, C. (1839). *Oliver Twist*. 2. ed. London: Richard Bentley, New Burlington Street. 3v. [online] [www.archive.org](http://www.archive.org) Acesso em : 20 Jan. 2012.

Dickens, C. *Olivier Twist*. Tradução de Alfred Gérardin. Paris: Librairie L. Hachette et Cie, 1839.

Dickens, C. *Oliver Twist*. New York: Oxford University Press, 1999.

Dickens, C. (2002). *Oliver Twist*. Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias. 1. ed. São Paulo: Hedra.

Dickens, C. (2003). *Oliver Twist*. London: Penguin Classics.

Graham, W. (1930). *Literary Magazines since 1800*. In: *English Literary Periodicals*. New York: Thomas Nelson & Sons.

Horne, P. (2003). "A note on the text"; "Introduction"; "Notes: Selected Textual Variants". In: *Oliver Twist*. London: Penguin Classics.

Lísias, Ricardo. (2002). Apresentação .In: *Oliver Twist*. Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias. 1. ed. São Paulo: Hedra.

Massa, J. M. (1965). "Introduction". In: *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC; INL.

Massa, J. M. (2008). *Machado de Assis Tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida.

Meyer, M. (1996). "O que é, ou quem foi Sinclair das Ilhas?" In: *Folhetim: uma historia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Monod, S. (1999). "Les premiers traducteurs de Dickens". *Romantisme*, vol 29, n. 106. 119-128. [online] [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman\\_0048-8593\\_1999\\_num\\_29\\_106\\_3458](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman_0048-8593_1999_num_29_106_3458)

Pereira, L. M. (1955). *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

Ramicelli, M. E. (2009). *Narrativas Itinerantes: aspectos franco-britânicos da ficção brasileira em periódicos oitocentistas da primeira metade do século XIX*. Santa Maria: Editora da UFSM.

Tillotson, K. (1963). "Oliver Twist in three volumes". *The Library*, vol s5-XVIII (2), June 1963. 113-132. [online] <http://library.oxfordjournals.org>

Vasconcelos, S. G. T. (2007). A formação do romance inglês: ensaios teóricos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, FAPESP.

Vianna, G. (2001). “Reverendo a biblioteca de Machado de Assis”. In: JOBIM, J. L. (Org.). A biblioteca de Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks.

### Periódicos:

Bentley's Miscellany. London: Richard Bentley. 5 v. [online] [www.archive.org](http://www.archive.org)  
Período consultado: janeiro de 1837 (data de início de sua publicação) – abril de 1839. Acesso em: 07 abr. 2011.

Jornal da Tarde. Rio de Janeiro. Propriedade de Angelo Thomaz do Amaral e Eduardo Augusto de Oliveira. Período consultado: 23 de abril de 1870 – 23 de agosto de 1870.

---

<sup>1</sup> William Maginn (1793-1842). Nascido na Irlanda, formado pela Trinity College Dublin, foi poeta e jornalista. Escreveu artigos para a *Blackwood's Literary Magazine*, poesia para a *Literary Gazette*, sob os pseudônimos de R. T. Scott e Ensign Morgan O'Doherty. Em 1830, junto com Hugh Fraser, fundou a *Fraser's Magazine*. Maginn também escreveu contos satíricos tais como *Bob Burke's Duel with Ensign Brady*, e romances históricos, dentre eles *Stories of Waterloo*. (*Encyclopedia of British Writers: 19th century*, 2003)

<sup>2</sup> O que propomos é simplesmente isto: - Nós não cobiçamos a fama ou a glória de outras publicações mensais. Deixe-as ter seu espaço. Nós não desejamos enfrentá-las em seu caminho rumo à fama ou ao lucro, mesmo que estivesse em nosso poder fazê-lo. (...) Em suma, a todos os periódicos nossos coetâneos desejamos toda a felicidade e sucesso; e por aqueles entre seus colaboradores cujos escritos buscam entreter ou instruir - e há muitos dentre eles a quem tal elogio pode ser aplicado com justiça - , sentimos a mais alta honra e respeito. Gostaríamos de poder tê-los todos para iluminar nossas páginas, sem absolutamente nenhum desejo de que seus raios fossem removidos daquelas em que eles estão brilhando no momento. Nosso caminho é único e distinto. Em primeiro lugar, não temos nada a ver com política. Somos Conservadores até o ponto de desejar que todas as coisas boas e honrosas a nossa pátria devam ser preservadas com zelo. Somos Reformadores até o ponto de desejar que toda erva daninha que desfigura nosso jardim deva ser impiedosamente arrancada e lançada fora. Mas é uma questão de absoluta necessidade que as opiniões políticas das pessoas devam ser continuamente impostas ao conhecimento público? Não há mais nada no mundo para se falar do que *Whig* [reformador] e *Tory* [conservador]? Nós não discutimos com aqueles que encontram ou fazem de sua vocação mostrar-nos anual, trimestral, semanal ou diariamente o quanto estamos incontestavelmente salvos ou arruinados. Eles escolheram o seu caminho, e não há dúvida de que é agradável, mas para nossos pés mais delicados não será permitido fazer um passeio mais suave e mais verde - um caminho de relvas pujantes e aromáticas, onde nenhum seixo áspero dilacere o tornozelo, onde nenhum espinho pontiagudo penetre o pé errante? [A tradução desta e das demais citações neste trabalho é de nossa autoria, salvo quando indicado de modo diverso.]

<sup>3</sup> Há uma espécie de tom radical em *Oliver Twist* que não me agrada de todo. Penso que não vai demorar muito até que isto seja corrigido, pois o próprio Bentley [Richard Bentley] é extremamente fiel a sua linha editorial.

<sup>4</sup> Vale destacar que o presente mapeamento nos colocou, por vezes, diante de obstáculos, dada a dificuldade de acesso a certas edições e/ou traduções do romance. Portanto, cabem algumas ressalvas quanto aos textos inglês e francês citados no presente trabalho. Para citações do texto inglês, tal como em sua primeira aparição ao público na Inglaterra, referimo-nos à edição de *Oliver Twist* publicada pela Penguin Classics em 2003, uma vez que esta recupera o texto serializado na *Bentley's Miscellany*. Conforme Horne (2003), “using this text gives us, so as to speak, a ticket to the excitement of the première, a live performance, and allows us to get closer to the experience of Dickens's first

---

readers.” [usar esse texto nos dá, por assim dizer, um ingresso para a excitação da *première*, uma performance ao vivo, e nos permite estar mais próximos da experiência dos primeiros leitores de Dickens.] A edição subsequente à *Bentley’s Miscellany*, i.e., a primeira em três volumes, publicada em 1838, não foi possível de ser consultada. O texto dessa edição serviu de base para várias tiragens (HORNE, 2003). Considerando a cronologia apresentada por Kathleen Tillotson (1963), isso teria ocorrido em 1839, 1840 e 1841. Tillotson acredita que, depois de 1838, data da primeira revisão de *Oliver Twist*, Dickens não teria feito alterações no texto do romance até 1846. Isso nos deu segurança para utilizar a reedição em três volumes publicada em 1839 para o mapeamento proposto. Situação semelhante se apresentou com a edição de 1846. Para esta, consultamos a edição organizada por Kathleen Tillotson e publicada pela *Oxford World’s Classics* em 1999, que utiliza como base o texto de 1846. Por fim, a tradução francesa. Como indica Massa, a tradução de Gérardin, feita sob a direção de P. Lorain e publicada pela *Librairie L. Hachetteet Cie* de Paris em 1864, consta do acervo da *Bibliothèque Nationale de France*, em Paris (MASSA, 1965). Não tivemos acesso a essa publicação. O texto francês que temos em mãos compreende uma cópia digitalizada de uma tradução de Alfred Gérardin de 1867. Ao que tudo indica, trata-se de uma reimpressão do texto de 1864, dado que a tradução de 1867 foi feita igualmente sob a direção de P. Lorain e também publicada pela *Librairie L. Hachetteet Cie*, de Paris. Ademais, o texto de Gérardin parece ter sido editado por outras editoras francesas sem sofrer alterações. Isso porque encontramos, na *Bibliothèque Sainte-Genève* (Paris), um exemplar de uma tradução francesa de *Oliver Twist* do século XIX (sem data precisa, devido ao desaparecimento da página de rosto), cujo texto é exatamente igual ao da tradução de 1867 que temos em mãos [Agradeço à Maria Eulália Ramicelli por essa informação]. O fato de a tradução de 1867 e o exemplar da *Bibliothèque Sainte-Genève* terem sido ambos publicados no século XIX e apresentarem os capítulos do romance exatamente iguais reforça a hipótese de uma reimpressão e/ou reedição do texto de 1864, dando-nos, portanto, a possibilidade de utilizar o texto de 1867 para analisar o papel da tradução francesa nesse circuito de ficção em que se insere *Oliver Twist*.

<sup>5</sup> Na verdade, sem jamais se referir ao texto original, como demonstram as notas [publicadas em *Dispersos de Machado de Assis*] ele utiliza, para traduzir *Oliver Twist*, (...) uma versão francesa. Ele retraduz o texto de Alfred Gérardin, publicado em 1864.